

O SERESTEIRO

"Nascido na Rua do Riachuelo em 1897, Emiliano Di Cavalcanti começa a brilhar em 1916, quando o cronista João do Rio cita o jovem, talentoso caricaturista. Começa depois a fazer ilustrações (poemas de Wilde traduzidos) e agora é Ronald de Carvalho que o elogia em um artigo especial.

Em 1917 ele parte para S. Paulo "com um terno de Nagib e um cartão de Bilac", segundo conta Guilherme de Almeida, de quem ilustraria "A Dança das Horas". Põe-se a pintar, e vercis nesta exposição alguns quadros de 1921 e 22 que nos dão uma lembrança da literatura simbolista. Outras influências viriam depois — George Groz, Lhote, Picasso... —, mas olhando com atenção a sua pintura, que aqui aparece através de 33 anos, notareis, estou certo, a influência predominante, decisiva e necessária que teve e tem sobre esse artista um homem de grande personalidade que se chama Emiliano Di Cavalcanti.

— "Eu seria general, se tivesse escolhido as armas — dizia-me outro dia, a sorrir, o pintor —, pois meus colegas do Colégio Militar já são quase todos generais."

Na pintura é que ele não chegou a general, a não ser que o encaremos como um general sem divisão nem brigada, um general de guerrilhas, do velho tipo mexicano, com muito mais temperamento que regulamento. O que esse artista respeita e segue nesse homem não é, de resto, sua atitude de momento — não é o Di carbonário, mundano ou católico — é o que resulta de suas tão bem combinadas contradições, é o generoso, o lírico, o sensual — magnífico brasileiro Di Cavalcanti.

Entrando um dia em seu atelier, podereis encontrar, na mesma sala, a moça bonita mais grã-fina, algum estudante fraca-roupa, a mulatinha mais fuleira que ele arrebanhou na esquina para modelo e o mais grave senhor de gravata preta que se aposentou há muitos anos como gerente de banco. Di equilibra a presença dessas pessoas com uma tranqüila humanidade boêmia e entretanto séria. Ele não separa as criaturas com biombos, e ele mesmo não se oculta atrás de um biombo; tem a descuidosa coragem de si mesmo e de suas ternuras.

Um candidato à

Academia

m 764

10/12/66

É essa autenticidade do homem que produz a autenticidade do artista. Que lição podereis, jovens pintores, pedir a esse velho artista? Eu vos digo que esse mestre vos dá apenas uma lição, e a mais preciosa, e a mais difícil. Eis seu exemplo: através de todas as idéias e de todas as crenças, de todas as escolas e de todas as modas, ele é fiel a si mesmo.

A Ditadura do Proletariado não o obrigaria nunca a sindicalizar essas suas mulatas ou tratá-las como "elementos de massa"; a Igreja Católica Apostólica Romana não conseguiria jamais que ele atenuasse uma curva de seio ou de quadril; é inútil mostrar-lhe estatutos e decálogos, e ensinar-lhe como deve pensar e sentir as coisas: Di continuará pintando tranqüilo, a cantarolar um samba, seu mundo interior cheio de cores e imagens da vida que ele filtra e envolve em um ambiente de sonho e de beleza.

Sendo um dos mais cultos de nossos pintores, e dos mais vividos no estrangeiro, ele continua a ser dos mais instintivos e dos mais brasileiros. Nem Paris nem S. Paulo desafinaram o violão desse bom seresteiro carioca. Esse homem que inventou a Semana de Arte Moderna e conheceu todos os "ismos" não pensa um só instante em "fazer moderno". É apenas um homem de seu tempo e de sua gente, que os honra e exalta com a palpitante e poderosa poesia de sua pintura.

Di é autenticamente grande."

(Do catálogo da exposição de Di Cavalcanti no Museu de Arte Moderna).

10/19/54

R. B.